

# Sindicatos dos EUA planejam “greve nacional pelas vidas negras” para denunciar o racismo

FONTE: [The Independent/Associated Press](#) | 09/07/2020 |  
Tradução: Charles Rosa

Uma coalizão nacional de sindicatos, juntamente com organizações de justiça racial e social, organizará uma paralisação em massa do trabalho este mês, como parte de um acerto de contas contínuo sobre racismo sistêmico e brutalidade policial nos Estados Unidos.

Apelidada de “greve por vidas negras”, dezenas de milhares de trabalhadores de fast-food, compartilhamento de carona, lares e aeroportos em mais de 25 cidades devem deixar o cargo em 20 de julho para uma greve de dia inteiro. Aqueles que não puderem atacar por um dia inteiro sairão por cerca de oito minutos – o tempo que os promotores dizem que um policial branco de Minneapolis segurou o joelho no pescoço de George Floyd – em memória de homens e mulheres negros que morreram recentemente nas mãos da polícia. A greve nacional também incluirá marchas lideradas por trabalhadores pelas cidades participantes, disseram os organizadores na quarta-feira.

De acordo com detalhes compartilhados exclusivamente com a Associated Press, os organizadores estão exigindo ações abrangentes das empresas e do governo para enfrentar o racismo sistêmico em uma economia que afasta a mobilidade econômica e as oportunidades de carreira de muitos trabalhadores negros e hispânicos, que representam um número desproporcional daqueles que ganham menos que um salário digno.

Eles também enfatizam a necessidade de subsídio por doença

garantido, cobertura de assistência médica acessível e melhores medidas de segurança para trabalhadores com baixos salários que nunca tiveram a opção de trabalhar em casa durante a pandemia de coronavírus. “Temos que vincular essas lutas de uma maneira nova e mais profunda do que nunca”, disse Mary Kay Henry, presidente do Sindicato Internacional dos Empregados em Serviços, que representa mais de 2 milhões de trabalhadores nos EUA e no Canadá.

“Nossos membros estão em uma jornada para entender por que não podemos ganhar justiça econômica sem justiça racial. Essa greve por vidas negras é uma maneira de levar o entendimento de nossos membros sobre isso para as ruas ”, disse Henry à AP.

Entre as demandas específicas dos grevistas estão que as empresas e o governo declarem inequivocamente que as “vidas negras importa”. Representantes eleitos em todos os níveis devem usar o poder executivo e legislativo para aprovar leis que garantam que pessoas de todas as raças possam prosperar, de acordo com uma lista de demandas. Os empregadores também devem aumentar os salários e permitir que os trabalhadores se sindicalizem para negociar melhores cuidados de saúde, licença médica e apoio para o cuidado de crianças.

O sindicato de trabalhadores de serviços se associou com a Fraternidade Internacional de Caminhoneiros, a Federação Americana de Professores, os Trabalhadores Agrícolas Unidos e o Fight for \$15 and a Union, que foi lançado em 2012 por trabalhadores de fast food americanos para impulsionar a luta por um salário mínimo maior.

Os grupos de justiça social e racial participantes incluem March On, o Centro para Democracia Popular, a Aliança Nacional dos Trabalhadores Domésticos e o Movimento pelas Vidas Negras, uma coalizão de mais de 150 organizações que compõem o movimento Black Lives Matter.

Ash-Lee Woodard Henderson, organizador da greve do Movimento

pelas Vidas Negras, disse que os gigantes corporativos que apoiaram o movimento Black Lives Matter em meio a protestos em todo o país contra a brutalidade policial também se beneficiaram da injustiça e desigualdade raciais.

“Eles alegam apoiar vidas negras, mas seu modelo de negócios funciona explorando o trabalho negro – passando centavos como ‘salário digno’ e fingindo ficar chocados quando Covid-19 adoce aqueles negros que constituem seus trabalhadores essenciais”, disse Henderson, co-diretor executivo do Highlander Research and Education Center, com sede no Tennessee.

“O poder corporativo é uma ameaça à justiça racial, e a única maneira de inaugurar uma nova economia é atacar as forças que não estão totalmente comprometidas com o desmantelamento do racismo”, disse ela em comunicado.

Trece Andrews, trabalhadora negra em um lar de idosos administrado pela Ciena Healthcare na área de Detroit, disse que se sente desanimada depois de anos sendo preterida em promoções. A mulher de 49 anos acredita que a discriminação racial desempenha um papel na estagnação de sua carreira. “Tenho 20 anos no jogo e apenas 15,81 dólares (12,52 libras) por hora”, disse ela em uma entrevista por telefone.

Como mãe solteira de uma filha de 13 anos e cuidadora de seu pai, sobrevivente de um câncer, Andrews disse que equipamentos de proteção individual inadequados a deixam com medo de levar o coronavírus para casa a partir do trabalho.

“Temos o coronavírus em andamento, além disso, temos esse racismo”, disse Andrews. “Eles estão ligados, como algum tipo de segregação, como se não tivéssemos nossos ancestrais e Martin Luther King lutando contra esse tipo de coisa. Ainda está vivo aqui, e é hora de alguém ser responsabilizado. Está na hora de agir”.

A greve continua uma tradição de décadas de movimento dos

direitos trabalhistas. Mais notavelmente, os organizadores inspiraram-se na greve dos trabalhadores de saneamento de Memphis por salários baixos, beneficiam da disparidade entre funcionários negros e brancos e de condições desumanas de trabalho que contribuíram para a morte de dois trabalhadores negros em 1968. No final daquele período de dois meses. Em uma greve, cerca de 1.300 trabalhadores negros de saneamento negociaram coletivamente por melhores salários.

Os organizadores da “greve por vidas negras” afirmam que querem interromper um ciclo de gerações multi-geracional perpetuado por políticas anti-sindicais e outras que dificultam a negociação coletiva por melhores salários e condições de trabalho.

A pobreza sistêmica afeta 140 milhões de pessoas nos EUA, com 62 milhões trabalhando por menos de um salário, de acordo com a Campanha dos Pobres: Uma Chamada Nacional pelo Renascimento Moral, uma organização parceira da greve. Estima-se que 54 por cento dos trabalhadores negros e 63 por cento dos trabalhadores hispânicos se enquadram nessa categoria, em comparação com 37 por cento dos trabalhadores brancos e 40 por cento dos trabalhadores americanos da Ásia, disse o grupo.

“A razão pela qual, em 20 de julho, vocês estarão vendo greves e protestos, marchas e mobilizações de distanciamento social e a ampliação do registro eleitoral é porque milhares e milhares de pobres, trabalhadores de baixos salários de todas as raças, credos e cores compreendem que lutas raciais, econômicas, por atendimento médico, imigração, clima e outras lutas justas estão todas conectadas”, o Reverendo William Barber II, co-porta-voz da Campanha das Pessoas Pobres, disse em uma entrevista pelo telefone.

“Se, na verdade, vamos enfrentar a violência policial que mata, então certamente temos que enfrentar a violência econômica que também mata”, disse ele.

Os organizadores disseram que alguns trabalhadores em greve farão mais do que abandonar o emprego em 20 de julho. No Missouri, os participantes se reunirão no McDonald's em Ferguson, um marco importante no movimento de protesto desencadeado pela morte de Michael Brown, um adolescente negro morto pela polícia em 2014. Os grevistas marcharão para um memorial localizado no local onde o Sr. Brown foi baleado e morto.

Em Minneapolis, onde Floyd foi morto em 25 de maio, os trabalhadores das casas de repouso participarão de uma caravana que incluirá uma parada no aeroporto. Eles receberão atendentes de cadeiras de rodas e faxineiros que exigem um salário mínimo de US \$ 15 por hora (11,87 libras), disseram os organizadores.

Angely Rodriguez Lambert, 26 anos, trabalhadora do McDonald's em Oakland, Califórnia, e líder na luta por US \$ 15 e um sindicato, disse que ela e vários colegas deram positivo no Covid-19 depois que os funcionários não receberam inicialmente a proteção adequada. equipamento. Como imigrante de Honduras, Lambert disse que também entende a luta urgente da comunidade negra contra a brutalidade policial.

“Nossa mensagem é que somos todos humanos e devemos ser tratados como seres humanos – estamos exigindo justiça para vidas negras e latinas”, disse ela à AP.

“Estamos agindo porque as palavras não estão mais trazendo os resultados que precisamos”, disse ela. “Agora é o momento de ver mudanças.”